

BRAGANÇA JÚNIOR, Á. A. Filologia e Medievalística germânicas - considerações metodológico-práticas. Semana de Filologia na USP, 2007, São Paulo. *Anais...*. São Paulo: Serviço de Divulgação e Informação, FFLCH, 2007. v. 1. p. 11-27.

Filologia e Medievalística germânicas – considerações metodológico-práticas

Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ/FL/PPGHC)

Atualmente, o cenário dos estudos acadêmicos é perpassado pela necessidade crítica de trabalhos com viés interdisciplinar e integrado. Nas Ciências Humanas, tal tendência também se faz sentir. Portanto, o diálogo entre as diversas áreas de saber parece ser condição indispensável para o estabelecimento, até mesmo, de novos postulados específicos. No campo da Filologia, ciência **prima inter pares** no âmbito dos estudos da linguagem, e no da Medievalística, onde o social e o lingüístico-literário fornecem sempre o contexto para a obra literária, cada vez mais é imperiosa a experimentação conjunta entre as ciências, pois se o „amor ao logos“ define o estudo crítico-evolutivo de uma dada língua, à ciência do mundo medieval germanófono a concentração de dados socio-lingüísticos e culturais, cabe à Hermenêutica a interpretação e análise da mensagem textual. Com esta visão conjunta de trabalho pode-se, em nosso ver, aprender e compreender melhor daquilo que se objetiva investigar. Em síntese, pretexto, contexto e texto são uma tríade indissociável no mundo dos estudos da linguagem.

Se partimos desse pressuposto, imaginemos o trabalho com épocas e textos bem distantes de nossa atualidade. Caso elejamos a Idade Média, com uma produção quase que marcadamente influenciada pela visão da Igreja, poderíamos formular algumas questões: em que medida o conhecimento dos estratos mais antigos de uma língua contribuem para o conhecimento de um dado período histórico? Em que extensão uma tentativa de representação literária pode “refletir” o cotidiano real, por exemplo, da Idade Média de expressão alemã? Tais questionamentos parecem ser para um filólogo e germanista, contudo, uma tarefa bastante desafiadora e, no caso brasileiro, ainda a ser empreendida.

Começando por tentar estabelecer a importância dos estudos filológicos em nossa academia, partamos para uma proposta de estabelecimento de um conceito de Filologia Germânica. Reproduzimos as palavras de Bunse (1983,13). Para ele, aquela é, *lato sensu a ciência que estuda a cultura dos povos que falam línguas germânicas, isto é, o estudo da vida espiritual e intelectual dos povos germânicos através de sua língua, literatura, arte, religião, usos e costumes, direito, etc; stricto sensu, como a ciência que estuda as línguas e literaturas germânicas*. Apesar da conceituação do estudioso atestarem a importância da Filologia Germânica como ciência com perspectiva aglutinadora, o quadro que se esboça no universo dos **curricula** de Germanística no Brasil é preocupante no que tange aos estudos filológicos com ênfase na Idade Média

Após um estudo do currículo de boa parte das instituições de ensino superior do Brasil na área dos cursos de Letras em Português-Alemão e Português-Inglês, constatamos que a disciplina Fundamentos da Cultura Literária Alemã e Fundamentos da Cultura Literária Inglesa (doravante denominadas FUNDAL e FUNDINGLE), oferecida pela Universidade Federal do Rio de Janeiro para estudantes do terceiro semestre do curso de bacharelado em Português-Alemão e Português-Inglês com carga horária semanal de

praticamente duas horas, são as únicas que se dedicam *in toto* à apresentação e ao estudo do surgimento e desenvolvimento da literatura em alemão e em inglês até o século XV.¹ No tocante à língua alemã, desde os primeiros contatos entre romanos e germanos, passando pela tradução da Bíblia para o gótico, através das inscrições rúnicas, chegando ao século oitavo com a ascensão de **Karl der Große** e o surgimento de dicionários e glossários bilingües, vislumbrando a produção quase que exclusivamente monacal dos séculos nono e décimo para finalmente alcançarmos o esplendor exuberante dos **Minnesänger** e a introspecção contemplativa dos místicos, intenta-se fornecer ao aluno não apenas as informações de cunho histórico, cultural, social e político pertinentes à época em estudo, com o intuito de deixar vir à tona pontos de contato (e há muitos) entre a Idade Média e a nossa tão decantada Modernidade. O estudo filológico, por conseguinte, é a ferramenta apropriada para se alcançar tais objetivos conteudísticos.

Tratando apenas em nosso caso do conceito de „Literatura germânica“ relacionada com a literatura em língua alemã², pesquisadores como Erwin Theodor Rosenthal e Wira Selanski trabalharam com autores e temáticas medievais, mas atualmente, percebe-se nas linhas de pesquisa dos docentes uma quase que ausência total de estudos medievísticos.³ Indagamo-nos o porquê disso e somos de opinião que existiriam três possíveis respostas: a) a inexistência ou quase ausência, no currículo dos cursos de Letras, de disciplinas como Filologia Germânica ou Literatura Germânica Medieval; b) a quase que absoluta falta de docentes qualificados na área de Filologia Germânica Literatura Alemã da Idade Média; c) uma certa visão acadêmica, que relega a diacronia e as primeiras fases da literatura em alemão a um plano secundário, pois a grande maioria dos docentes qualificados na área de Germanística do país prende-se às áreas de Didática da Língua Alemã, Literatura em língua alemã (do *Aufklärung* em diante) e Tradução. Isso pode ser corroborado, de outro modo, através da bibliografia em língua portuguesa dos compêndios sobre história da literatura em língua alemã, cuja maior parte destina muito poucas folhas ao tema.

Como é bem conhecido de todos, o embate diacronia *versus* sincronia reflete-se no esvaziamento e conseqüente fechamento da área de Filologia de diversos cursos de Pós-Graduação no Brasil - em especial os de Filologia Românico, já que Filologia Germânica, como exposto, praticamente inexistente - pois um professor-filólogo requer uma formação extremamente ampla, o que demanda anos de preparo acadêmico extremamente qualificado, fato hoje praticamente individualizado diante dos modelos de especialização e de compartimentalização do saber, exatamente o oposto de uma outra abordagem científica que privilegia um constante diálogo com outras ciências e outras áreas de saber e não prescinde da tão necessária interdisciplinariedade, a saber a Medievalística e, neste caso, a Medievalística Germanística.

Expressão por nós vertida do alemão **Germanistische Mediävistik** e que caracteriza uma ciência que há algumas décadas trabalha conjuntamente o social e o literário dentro do universo da Idade Média, ela permite associar o estudo filológico e

¹ - Claro está, que nesse meio tempo possa(m) ter surgido disciplina(s) em nível de Graduação ou de Pós-Graduação em outras instituições de ensino superior que abarquem o mesmo ou um similar conteúdo programático à disciplina FUNDAL na UFRJ.

² - Embora discordemos da denominação „Literatura Germânica“ associada exclusivamente à literatura em alemão não polemizaremos no momento a respeito.

³ - Obviamente não estamos a par dos trabalhos mais recentes, que apresentam seu foco na Idade Média em alemão. Sobre os autores citados cf. Bibliografia. Sobre Medievalística ver considerações a seguir.

literário à contraparte social, antropológica, de base histórica, fornecendo as bases para a univocidade do texto literário, documento e testemunho ao mesmo tempo. Por isso, a Medievalística Germanística⁴ de língua alemã pode permitir ao pesquisador, com base em fontes e em trabalho conjunto e integracionista com a Filologia e a Historiografia, depreender, tão realisticamente quanto possível, uma visão particular ou social de mundo em uma determinada época dentro do medievo. Sólidos pontos de apoio na historiografia em língua alemã sobre o medievo germanófono são indispensáveis. Estudiosos como Bumke (1999), Althoff (1997) e Wenzel (1974), dentre outros, vêm se debruçando sobre a questão, porém a unanimidade resta à Medievalística Germanística. Talvez uma tal prerrogativa possa ser arrolada em defesa do campo comum de atuação entre filólogos e medievistas, na medida em que no processo de seleção e análise de fontes – textos literários ou não, não apenas se depreendem dos textos as informações de cunho histórico, cultural, social e político pertinentes à época em estudo, mas, principalmente, com aquelas estabelecem-se pontos de contato entre a Idade Média e a Modernidade ... ou Pós-Modernidade!? Como afirmam Müller & Weiss (1993,33), *„deve-se, contudo, afirmar, que o caminho para a modernidade européia começou naqueles tempos, que através do renascimento/Humanismo e Iluminismo conduziram finalmente à época da técnica e à Modernidade”*. Partilhamos da opinião de Hans Jürgen Koch (1976¹:22), ao advertir sobre a necessidade de retomada pelos alemães do seu próprio fazer literário do passado:

“A partir do conhecimento do passado pode-se melhor avaliar as condições e condicionalidades do presente. Isso pode não soar especialmente progressivo ou atual em um presente que se mostra francamente ahistórico. Contudo, permanece a questão, se o ser humano ainda tem um futuro sem a sua História, se a Germanística medieval ainda tem uma chance sem um novo conceito de História de se libertar de seu entorpecimento”

Em síntese, somente a conjunção de esforços e procedimentos hermenêuticos, filológicos de prática inter, trans e até mesmo pluridisciplinar amplia o horizonte de experimentação e investigação. A Filologia Germânica é, portanto, instrumental utilíssimo para os estudiosos de Medievalística Germanística em alemão e também em inglês, pois o acesso e trabalho com as fontes primárias nas fases iniciais daqueles idiomas são por demais facilitados através da utilização de métodos filológicos de pesquisa.

Uma questão, então, nos preocupou:

“Como auxiliar nossos alunos a reconhecer a cultura germânica, em seus mais diferentes aspectos, cultura esta retratada nas fontes escritas de que dispomos? Como possibilitar a eles noções fundamentais dos estágios de desenvolvimento do

⁴ - Entendemos os termos em alemão **Germanistische Mediävistik** como a ciência que tem por finalidade estudar uma determinada língua e a literatura compilada nesta língua durante a Idade Média e que as considera não como um fenômeno isolado, mas as contextualiza em uma época com sua cultura e civilização específicas. A Medievalística germanística em alemão, como propomos, prende-se aos estudos de **Kulturwissenschaft**, ou **Cultural Studies** (*apud* BRANDT: 1999,15-16; BACHMANN-MEDICK: 1996, 7-64)

alemão... moderno? Como resgatar toda uma história das idéias de anglos, saxões, jutos, bávaros, alamanos, dentre outros povos?"⁵

O retrato por nós esboçado *supra* levou-nos à elaboração de material didático, especialmente concebido ao público discente de língua portuguesa, em forma de antologia contendo excertos dos principais textos e documentos escritos em *alt-* e *mittelhochdeutsch*, à qual foi acrescida uma nova com rudimentos histórico-culturais para situar de forma mais precisa o homem, seu tempo e sua interação na literatura e vice-versa.⁶ Os poemas inteiros e fragmentos textuais em seus estágios lingüísticos originais, com seu arcabouço filológico-histórico, concatenam os textos com seus contextos, em um trabalho que visa considerar aquelas fontes mais que "testemunhos" para a História, configurando-se, sim, em textos com caráter documental.⁷ A tradução dos textos para o moderno-alto-alemão ou para o inglês-moderno aproxima o discente da Idade Média com a realidade lingüística atual do idioma e a comparação lingüística permite até a formulação de algumas regras elementares da gramática histórica, bem como a apreensão de indicadores sociais da época contextualizada, ou seja, a Filologia Germânica e a Mediévica Germanística fornecem ao estudante um seguro ponto de entrada em um fazer social e cultural bem distante do século XXI. À guisa de ilustração da aplicação de procedimentos da Filologia e Mediévica Germanística em alemão tomaremos como exemplo alguns textos, em que procuramos aplicar o acima exposto, um excerto do *Das Wessobrunner Gebet* (I), datado de cerca do ano 800 e redigido em **Althochdeutsch** e o poema em médio-alto-alemão do século XIII *Ich saz ûf eime steine*, de Walther von der Vogelweide, considerado o maior trovador do Sacro Império Romano-Germânico.⁸

Excerto de *Das Wessobrunner Gebet* - +/- 800 - **althochdeutsch**

*Dat gafregin ih mit firahim firiwizzo meista,
dat ero ni was noh ûfhimil,
noh paum (...) noh pereg ni wâs,
ni (...) nohkeinîg noh sunna ni scein,
noh mâno ni liuhta, noh der mâreo sêo.*

*Dô dêr ni was enteo ni wenteo,
enti dô was der eino almahtîco cot,
manno miltisto, enti dêr wârûn auh manake mit inan
cootlîhhe geista. enti cot heilac (...)*

⁵ - In: BRAGANÇA & ROCHA, 1996, 5.

⁶ - Cf. Bibliografia. As duas apostilas, reunidas juntamente com os estudos teóricos referentes aos séculos XVI a XVIII, serão posteriormente publicadas com o título de *A literatura em língua alemã das origens ao Aufklärung - tendências e contingências - rudimentos histórico-culturais e textos*. Do mesmo modo, com a inclusão de textos em antigo-inglês e inglês-médio foi organizada uma apostila, no prelo, *Introdução à filologia germânica – rudimentos da língua inglesa e alemã*.

⁷ - Sobre os limites entre "testemunho" e "documento" não entraremos em maiores polêmicas por fugir ao escopo deste artigo.

⁸ - Os textos não serão traduzidos para a língua portuguesa, a fim de fomentar o interesse do estudioso em ter acesso às fontes no original!

Cot almahtico, dû himil enti erda gaworahtôs, enti dû mannun sô manac coot forgâpi, forgip mir in dîno ganâda rekta galaupa enti côtan willeon, wîstôm enti spâhida enti craft, tiuflun za widarstantanne enti arc za pwîsanne enti dînan willeon za gawurchanne.

Tradução em moderno-alto-alemão

Das erfuhr ich unter den Menschen als das grösste der Wunder,
dass (einst) weder die Erde noch eben der Himmel war,
noch Baum ... noch Berg,
kein ... (Stern?) noch die Sonne schien,
noch der Mond leuchtete noch die mächtige See.

Als da nichts war an allen Enden und Grenzen,
(und) da war (doch) der eine allmächtige Gott,
der Männer freundlichster; und da waren auch viele bei ihm
herrliche Geister. Und der heilige Gott...

Allmächtiger Gott, (der) du Himmel und Erde geschaffen und den Menschen so viel Gutes geschenkt hast, schenke mir rechten Glauben an deine Gnade, guten Willen, Verständnis und Klugheit und Kraft, den Teufeln zu widerstehen und das Böse zu vermeiden und deinen Willen zu erfüllen.

Um texto de evidente mensagem cristã fornece, a partir do próprio vocabulário, subsídios para sua decodificação em nível da linguagem e da interpretação. Em primeiro lugar, procederíamos a um levantamento lexical dos termos em antigo-alto-alemão correspondentes, na forma gráfica, aos vocábulos da versão em alemão moderno. Teríamos, assim, um esquema, onde palavras como *ih, ni, ûfhiimil, noh, paum, pereg, keinig, sunna, scein*, dentre outras, teriam as formas *ich, nicht, auf, Himmel, Baum, Berg, keines, Sonne, schien* (verbo *scheinen*). Termos como *himil, Cot almahtico, erda, e tiuflun* (*Himmel, Allmächtiger Gott, Erde e Teufel*) ao lado de substantivos abstratos como *ganâda, galaupa, willeon e wîstôm* (*Gnade, Glauben. Wille e Weisheit*) confeririam ao texto uma mensagem de invocação do suplicante ao Ser Criador, na qual a dicotomia expressa por *côtan* (*das Gute*) X *arc* (*das Übel*) representaria a própria dualidade existencial humana.

No plano eminentemente lingüístico, o conhecimento de outras línguas estrangeiras contribui para o enriquecimento de estágios anteriores da língua. Como exemplo, citam-se as palavras *enti, miltisto, mannun, forgâpi e wîstôm*, as quais corresponderiam às formas em inglês moderno *and, mild, men, forgive e wisdom*. Neste ponto, uma abertura para a discussão sobre a família das línguas germânicas e sobre o germânico como **Ursprache** proporcionaria ao estudante, conforme acreditamos, mais parâmetros para análise da própria língua que ele estuda, na medida que, ao usar uma segunda língua (no caso, o inglês) como elemento mediador para conhecer o texto original, ele interage com ambas.⁹

⁹ - Por questões de concisão deste trabalho, não mencionamos outras possibilidades de abordagem da língua, como, por exemplo, a questão da gramática do **Althochdeutsch**, das terminações das classes de palavras, evolução semântica dos vocábulos, isto é, aspectos fonéticos, morfológicos e semânticos.

Um fator facilitador para o trabalho com textos em **Althochdeutsch** é a identificação rápida de palavras modernas do inglês, pois, em linhas gerais,

“o antigo-alto-alemão possui muitas manifestações lingüísticas em comum com o antigo-saxão, antigo-baixo-frâncico, antigo-inglês e antigo-frísio, a partir do que se supunha em um primeiro momento uma “unidade germânico-ocidental” original...”¹⁰

Esta concisa apreciação do texto acima, sob as bases ora apresentadas, deve ser acrescida com dados de ordem cultural, pois as motivações e temas ligados à solidificação da fé cristã presentes no fragmento são evidentes ao olhar do medievista germanista.

Poema *Ich saz ûf eime steine* de Walther von der Vogelweide (+/- 1170-1230) em médio-alto-alemão

*Ich saz ûf eime steine,
und dahte bein mit beine:
dar ûf satzt ich den ellenbogen:
ich hete in mîne hand gesmogen
daz kinne und ein mîn wange.
dô dâhte ich mir vil ange,
wie man zer welte solte leben:
deheinen rât kond ich gegeben,
wie man driu dinc erwurbe,
der keines nit verdurbe.
diu zwei sint êre und varnde guot,
daz dicke ein ander schaden tuot:
daz dritte ist gottes hulde,
der zweier übergulde.
die wolte ich gerne in einen schrîn.
jâ leider desn mac niht gesîn,
daz guot und weltlich êre
und gotes hulde mêre
zesamene in ein herze komen.
stîg und wege sind in benomen:
untruwe ist in der sâze,
gewalt vert ûf der strâze:
fride unde reht sint sêre wunt.
diu driu enhabent geleites niht,
diu zwei enwerdent ê gesunt.*

Tradução em **Neuhochdeutsch** de Eugen Thurnher

Ich saß auf einem Felsen,
die Beinen übereinandergeschlagen.

¹⁰ - In: BRAUNE & EGGERS, 1987,3

Darauf stützte ich den Ellenbogen.
In meine Hand hatte ich das Kinn
und eine meiner Wangen geschmiegt.
So überlegte ich mir angestrengt,
wie man Erden leben solle.
Ich wußte mir keinen Rat,
wie man drei Dinge erwerben könne,
ohne daß eines von ihnen verloren ginge.
Die beiden ersten, die einander Eintrag tun,
sind Ansehen und irdischer Besitz.
Doch höher als der Wert der beiden,
ist als drittes Gottes Huld.
Sie alle wollte ich gern in einem Schrein.
Aber leider, es ist unmöglich,
daß Besitz, weltliches Ansehen
und göttliche Gnade
dazu in ein Herz zusammenkommen.
Steg und Weg sind ihnen versperrt:
Untreue lauert im Hinterhalt.
Gewalttätigkeit kommt auf der Straße her.
Frieden und Recht sind tödlich verletzt.
Die drei haben keinen Schutz,
wenn die zwei nicht vorher gesunden.

No tocante ao médio-alto-alemão, partiríamos, do mesmo modo, do léxico comparado como reconhecimento de peculiaridades distintas entre o uso lingüístico do alemão nos séculos treze e vinte. Poderíamos arrolar, como exemplos, *stein, bein, ellenbogen, hand, kinne, wange, welte, leben*, (*Stein, Bein, Ellenbogen, Hand, Kinn, Wangen, Welt, leben*), dentre inúmeros outros. O estudante imediatamente com a ajuda do dicionário e aqui, excepcionalmente, através da conhecida gravura do trovador - **Minnesänger** - sentado sobre uma pedra, teria um excelente ponto de entrada no poema.

O próprio levantamento vocabular permitiria a ele, sempre sob a orientação do docente responsável, a tentativa de formulação de algumas regras para a gramática do **mittelhochdeutsch**, onde os traços fonéticos, morfológicos e sintáticos do alemão moderno estão mais visíveis do que no período lingüístico precedente. *Guot* e *Gottes*, *gesîn* e *ûf* servem para mostrar os radicais de *Gut* e *Gott*, enquanto os dois últimos revelam a tendência da ditongação da vogal longa, isto é, *sein* e *auf*.

Walther von der Vogelweide constituiu-se no mais completo **Minnesänger** de língua alemã, tendo utilizado em seus poemas temas do amor cortês estilizado do **hohe minne**, do vero sentimento com relação às jovens simples do povo nos versos do **niedere minne**, para finalizar refletindo sobre o mundo que viu e sentiu com as suas poesias reflexivas, **Spruchgedichte**. A vida de Walther já traria consigo uma farta quantidade de elementos para uma análise das relações sociais na Baixa Idade Média no ápice do sistema feudal. A questão da inassociabilidade dos valores do mundo material com as riquezas de uma vida pautada pela espiritualidade cristã é marcada no poema, revelando uma cisão d'alma que desaguará no Renascimento de caráter antropocêntrico e que, do ponto de vista da modernidade, como se fosse um relato em forma de desabafo, mostra a crescente violência decorrente da busca humana pela eternização através do

dinheiro, que fere os mais básicos princípios de convivência humana de fundamento cristão como a paz e a justiça. A interpretação do poema soma-se o conhecimento das lutas entre Papado e Sacro Império no fim do século XII e início do seguinte. Walther vivenciou muito bem tais questões e uma abordagem historiográfica pode muito bem retirar subsídios importantes para o estudo da época a partir do seu relato.

Como vimos, a plurissignificação cultural dentro do mosaico medieval abrangido pelos textos nas duas primeiras fases de desenvolvimento do idioma alemão já é ele próprio um **Leitmotiv** para as pesquisas. Dentro dos textos situam-se os elementos conflitantes formadores, conformadores, reformadores e deformadores do edifício social do medievo, que, muitas, vezes, passam despercebidos ou ignorados por absoluta falta de conhecimento lingüístico e por isolacionismo científico. No caso do poema em **Mittelhochdeutsch**, temas como o amor, a religião, moral, ética e política muito se assemelham às suas contrapartes contemporâneas. Para alguns estudiosos, o próprio Walther von der Vogelweide seria um filósofo e o autor ou autores anônimo(s) da *Canção dos Nibelungos* teriam forjado mitos presentes até os dias de hoje na alma alemã.

Para sumarizar o até aqui exposto, arrolamos três justificativas a favor da criação de um campo comum de trabalho entre a Filologia Germânica e a Medievalística Germanística, bem como sua inserção no cenário universitário nacional, baseadas em nossa docência:

- a) o conhecimento da língua em seus estágios primeiros de formação podem facilitar a compreensão de suas estruturas modernas. No caso do inglês e do alemão, **old** e **middle english**, **alt-** e **mittelhochdeutsch** revelam através de sua história os processos pelos quais a língua passou até se gramaticalizar, guardando traços fonéticos, sintáticos, morfológicos e semântico hoje desaparecidos, como, por exemplo, em *hûchgezît*, originalmente significando "festividades" e em **neuhochdeutsch** "casamento", *Hochzeit*;
- b) do ponto de vista literário, a própria evolução de metros e estilos está eminentemente atrelada ao desenvolvimento cultural europeu. Não devemos nos esquecer, dentre outros fatos lingüísticos, que o sistema de acentuação intensiva, característico dos poemas em médio-alto-alemão, por exemplo, seguiu a tendência européia da utilização da rima a partir da poesia religiosa do século dez;
- c) a ambiência cultural de base antropológica, completamente moderna, teria a sua disposição um cabedal de informações preciosas sobre o **modus cogitandi** e o **modus faciendi** do homem medieval. Costumes, tradições, preconceitos, ritos e superstições que normalmente são rapidamente mencionados a partir da leitura de terceiros, poderiam agora ser discutidos e ilustrar os debates científicos com os alunos e com pesquisadores após a leitura dos textos pelo docente e estudantes, ocorrendo, assim, a tão propalada e desejada interação professor-aluno.

Por fim, foi escopo destas pouquíssimas linhas, resultantes de observações, práticas e leituras desde 1993, uma mudança **Wende** de perspectiva referente ao papel da Filologia Germânica face à "Idade das Trevas". À Medievalística Germanística como ciência aglutinadora das pesquisas na área de expressão cultural em língua e literaturas de língua alemã cabe a tarefa de explorar mais esse universo palpitante de vida que é a **media aetas** como um conjunto de manifestações de ordem cultural, não de forma setorializada. A contextualização dos dados contidos nos textos seria o caminho primeiro para a justa avaliação desta época vital para a nossa modernidade.

A Filologia Germânica, cuja ausência impossibilita qualquer procedimento confiável com o documento ou testemunho, cuidaria e zelaria, em nosso ver, pela apresentação dos textos em suas versões originais, para que tanto professores quanto alunos se

familiarizassem com as antigas construções das fases históricas dos idiomas. A escolha dos textos para o trabalho acadêmico deve seguir critérios determinados pelos docentes, que prezem a fidelidade filológica ao texto, a possibilidade de estabelecimento de analogias lingüísticas, a literariedade e uma segura contextualização historiográfica.

É nesse momento que fazemos nossas as palavras de Rudolf Pfeiffer, citado por Bunse (1983): "A Filologia não é uma atividade fria de investigação. Traz no seu próprio nome a *φιλία*, o amor pelo logos, e o ato de ensinar deve transferir esse calor e essa alegria para os que se preparam para aprender.". Assim, quem sabe, resgatar-se-á e trar-se-á à vida todo um mundo ainda em grande parte esquecido em livros empoeirados em nossas bibliotecas das Faculdades de Letras!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I. Bibliografia em língua portuguesa

ANGELLOZ, J.F. *A literatura alemã*. São Paulo: Difel, 1956.

ARON, Irene & HEISE, Eloá (Org.). *Curso de língua e literatura alemã*. São Paulo: FFLCH/Universidade de São Paulo, 1994.

BEUTIN, Wolfgang *et alii*. *História da literatura alemã*. Lisboa: Cosmos & Apáginastantas, 1993. V.1

BÖSCH, Bruno. *História da literatura alemã*. São Paulo: Herder, E.P.U., 1967.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo & ROCHA, Roberto Ferreira da. Notas para responder à pergunta: O que é filologia germânica? In: SILVA, Idalina Azevedo. (Org.) *Boletim Inter-cultural APA-Rio*. Rio de Janeiro: APA-Rio, 1996. nº 11. p. 4-5

CAEIRO, Olívio. *Oito séculos de poesia alemã*. Antologia comentada. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983. p. 11-36.

CARPEAUX, Otto Maria. *A literatura alemã*. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

HEISS, Eloá & RÖHL, Ruth. *História da literatura alemã*. São Paulo: Ática, 1986. Série Princípios, v.92

MARTINI, Fritz. *História da literatura alemã*. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, 1971. 2v.

ROSENFELD, Anatol. *História da literatura e do teatro alemão*. São Paulo, Campinas: Perspectiva; EDUSP, EDUEC, 1993. Série Debates, v.255

ROSENTHAL, Erwin Theodor. *Introdução à literatura alemã*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1968.

_____. *A literatura alemã*. São Paulo: T.A.Queiroz, EDUSP, 1980.

_____. *Perfis e sombras*. Estudos de literatura alemã. São Paulo: E.P.U., 1990.

SELANSKI, Wira. *Antologia da lírica alemã*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, /s.d./

_____. *Épocas da literatura alemã*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1959.

_____. *Fontes - correntes de literatura alemã*. Revisão de Álvaro Alfredo Bragança Júnior. Rio de Janeiro: Imprensa Velha Lapa, 1997.

II) Bibliografia em língua portuguesa – Filologia Germânica - História da língua alemã

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo & ROCHA, Roberto Ferreira da. Notas para responder à pergunta: O que é filologia germânica? In: SILVA, Idalina Azevedo da (org.) *Boletim Inter-cultural APA-Rio*. Rio de Janeiro: APA-Rio, 1996. nº 11, p. 4-5

____. *A literatura em língua alemã das origens ao Aufklärung - tendências e contingências - rudimentos histórico-culturais e textos*. Rio de Janeiro: Serviço de Fotocópias da Faculdade de Letras, 2000. 87 p.

BUNSE, Heinrich A.W. *Iniciação à filologia germânica*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1983.

POLENZ, Peter von. *História da língua alemã*. Tradução de Jaime Ferreira da Silva e António Almeida. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

ROSENTHAL, Erwin Theodor. *A língua alemã*. São Paulo: Herder, 1963.

III) Bibliografia em língua alemã -Literatura

BACHMANN-MEDICK, Doris. *Kultur als Text - Die anthropologische Wende in der Literaturwissenschaft*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1996.

BAUMANN, Barbara & OBERLE, Birgita. *Deutsche Literaturgeschichte in Epochen*. München: Max Hueber Verlag, 1985.

BEUTIN, Wolfgang *et alii*. *Deutsche Literaturgeschichte von den Anfängen bis zur Gegenwart*. Stuttgart: J.B. Metzlersche Verlagsbuchhandlung, 1979.

KOCH, Hans Jürgen. *Die deutsche Literatur in Text und Darstellung - Mittelalter I*. Stuttgart: Phipipp Reclam jun., 1976. Band 1

____. *Die deutsche Literatur in Text und Darstellung - Mittelalter II*. Stuttgart: Phipipp Reclam jun., 1976. Band 2

MARTINI, Fritz. *Deutsche Literaturgeschichte*. Stuttgart: Alfred Kröner Verlag, 1968.

MÜLLER, Ulrich & WEISS, Gerlinde. *Deutsche Gedichte des Mittelalters*. Stuttgart: Philipp Reclam jun., 1993.

IV) Gramáticas e dicionários especializados

IV.1. Gótico

BRAUNE, Wilhelm & EBBINGHAUS, Ernst. *Gotische Grammatik*. 16. Auflage. Tübingen: Max Niemeyer, 1961.

HEMPEL, H. *Gotisches Elementarbuch*. Zweite, umgearbeitete Auflage. Berlin: Walter de Gruyter, 1953.

TOVAR, Antonio. *Lengua gótica*. (Paradigmas gramaticales, textos, léxico) Madrid: Ediciones Nueva Época, 1946.

IV.2. Antigo-alto-alemão

BRAUNE, Wilhelm & EBBINGHAUS, Ernst. *Althochdeutsche Grammatik*. 14. Auflage: Tübingen: Max Niemeyer, 1987.

____. *Althochdeutsches Lesebuch*. 14. Auflage. Tübingen: Max Niemeyer, 1965.

IV.3. Médio-alto-alemão

BOOR, Helmut de & WISNIEWSKI, Roswitha. *Mittelhochdeutsche Grammatik*. Achte durchgesehene Auflage. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1978.

LEXER, Mathias. *Mittelhochdeutsches Taschenwörterbuch*. 35. Auflage. Stuttgart: S. Hirzel, 1979.

V. Mediävística Germanística

ALTHOFF, Gerd. *Spielregeln der Politik im Mittelalter*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1997.

BRANDT, Rüdiger. *Grundkurs germanistische Mediävistik/Literaturwissenschaft*. München: Fink, 1999.

BUMKE, Joachim. *Höfische Kultur – Literatur und Gesellschaften im hohen Mittelalter*. 9. Auflage. München: DTV, 1999.

MIETHKE, J & SCHREINER, Klaus. *Sozialer Wandel im Mittelalter*. Sigmaringen: 1994.

WENZEL, Horst. *Frauendienst und Gottesdienst*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1974.